



EDITORIAL

Os textos reunidos nesse número decorrem de artigos submetidos em fluxo contínuo, que tratam de temas diversos da ciência Geográfica, como vem ocorrendo desde 2008, quando a Revista OKARA: Geografia em debate vem publicando artigos de qualidade e deleitando os seus leitores com os mais variados temas e estudos publicados por pesquisadores do estrangeiros e do Brasil. Ademais, temos o prazer de apresentar nesse número da Revista OKARA: Geografia em debate um conjunto de trabalhos científicos desenvolvidos no projeto “Desenvolvimento territorial e Sociobiodiversidade: perspectiva para o mundo do Cerrado – CAPES”, em execução desde o ano de 2016.

As atividades de levantamento de dados, elaboração de teses de doutoramentos e de produção de textos em nível de pós-doutoramento, assim como a realização de colóquios e trabalhos de campo, traduzem uma parceria profícua entre várias instituições de ensino e de pesquisa do País, tais como a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Federal do Tocantins (UFT), a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a Universidade Estadual de Goiás, o Instituto Federal de Brasília (IFB), a Universidade Estadual Paulista (UNESP/Campus Presidente Prudente), a Universidade de Brasília (UNB); além da Superintendência de Vigilância em Saúde do Estado de Goiás (SUVISA) e Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST-GO). Representantes de outras IES e órgãos públicos compõem a ampla equipe do projeto, ainda que não assinem textos neste número.

Ao longo dos anos de execução do projeto, algumas premissas se evidenciam. A primeira, e central, refere-se ao modo pelo qual o Cerrado constituiu-se como bioma-território, corredor produtivo estratégico ao modelo economicista que se instaurou após 1960. Compreendê-lo a partir da categoria território implica vasculhar as formas de apropriação da terra e dos demais componentes naturais – flora, fauna, solo, água, ventos, irradiação solar, minérios –, fundamentais às formas de vida dos povos que têm no Cerrado sua matriz cultural; sendo estes temas vitais a uma boa análise da ciência geográfica.

O modelo de desenvolvimento em voga, sob amparo geopolítico, inicialmente incidiu-se na estratégia de captura do oeste e do norte do país, de forma desigual e combinada. O Cerrado, em que pese as suas diferenças ambientais, a riqueza de sua biodiversidade e, especialmente, a profunda sociodiversidade formada por povos indígenas, quilombolas, camponeses e tantas outras identidades sociais, também se configurou num espaço desigual, urbano e conflitivo.

Especificamente no Cerrado goiano, implicado pela ciência e tecnologia, aumentasse a pressão sobre as terras, o território e a cultura dos povos indígenas. As 42 etnias de seu território apresentam uma história sangrenta de extermínio de corpos; de línguas, de modos de vida; de roubo de terras; de violência simbólica e de desvalorização de seus saberes.

Há que se considerar também a dimensão geopolítica do saber na transformação do Cerrado “num celeiro produtivo”. O controle sob os territórios ocorre fortemente amparado em saberes destruidores de água, solo, diversidade genética (a exemplo das sementes suicidas), da cultura, do trabalho. A hegemonia da lógica empresarial criou o que o filósofo da Educação, Miguel Arroyo, denomina “destruição material do viver”.

O diálogo com os parceiros e a produção científica dos coordenadores do projeto e de seus membros abrem oportunidade para que as reflexões, plasmadas nos artigos desse número especial, ganhem alcance maior. O debate atual da acumulação financeirizada e natureza; indústria 4.0; agricultura química de precisão; antropoceno; tecnógeno; biogeia; filogeografia; capitaloceno; os impérios alimentares e o adoecimento; sobre as estratégias e as alternativas que enfrentam o modelo de desenvolvimento destruidor da vida, por certo, vai ganhar prumo por meio da leitura dos artigos e da motivação para que se produza mais.

Agradecemos, à coordenação da revista OKARA, a oportunidade de divulgação das experiências de pesquisa e avanços teóricos do projeto, sobretudo em tempos de crise sanitária mundial, resultado, em grande parte, do modelo de desenvolvimento confrontado nos textos. A pandemia do Coronavírus revela e agrava a vulnerabilidade histórica das populações e povos dos campos, das águas e das florestas brasileiras. E convoca a comunidade científica para refletir e intervir, de forma radical, nos territórios onde a vida e a solidariedade, a despeito das precariedades, ainda pulsam.

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Prof. Dr. Marco Antônio Mitidiero Júnior